

## UM POUCO DE ANORMALIDADE PARA NÃO SUFOCAR: ENSAIOS E FABULAÇÕES SOBRE ESCOLA, APRENDIZAGEM E VIDA

Marcos Allan da Silva Linhares<sup>1</sup>Sílvia Nogueira Chaves<sup>2</sup>

### Resumo

Quem estará presente em uma educação de fim de mundo? Como serão as escolas? Quem serão os sujeitos que, após todas as transformações e modificações terrenas, conseguirão resistir e (re)inventar uma educação para os finais, os encerramentos? O que eles nos ensinarão? Quais lições poderemos aprender (e ensinar) com esses seres-professores em nossos cotidianos de vida? Esse texto que é parte de uma pesquisa de mestrado procura problematizar como os anormais são produzidos na escola. Aqui de forma especial e fabulativa, contamos a história de Arthur, um aluno que desembarca da Nau dos Loucos para educar o Professor Bacamarte a largar “o ensinar” e apostar em um “aprender junto” numa escola para o abandono. Sonhamos com uma escola para o abandono. Uma escola em que todos possam ser o que quiserem, inclusive nada. Uma escola que recuse as padronizações, as classificações e os diagnósticos predeterminados para dar lugar as cores, aos sonhos, aos desejos, a um fazer junto que crie uma nova forma de estar, de existir e de se relacionar na escola.

**Palavras-chave:** Anormais; Fabulação; Escola; Aprendizagem; Vida.

## A LITTLE BE OF ABNORMALITY SO AS NOT SUFFOCATE: ESSAYS AND FABULATIONS ABOUT SCHOOL, LEARNING AND LIFE

### Abstract

Who will be present in an end-of-the-world education? What will the schools be like? Who will be the subjects who, after all the earthly transformations and modifications, will be able to resist and (re)invent an education for endings, closures? What will they teach us? What lessons can we learn (and teach) from these teacher-beings in our daily lives? This text, which is part of a master's degree research, seeks to problematize how abnormal people are produced at school. Here in a special and fabulous way, we tell the story of Arthur, a student who disembarks from the Nau dos Loucos to educate Professor Bacamarte to stop “teaching” and focus on “learning together” in a school for abandonment. We dream of a school for dropouts. A school where everyone can be whatever they want, including nothing. A school that refuses standardizations, classifications and predetermined diagnoses to give way to colors, dreams, desires, to doing things together that creates a new way of being, existing and relating at school.

**Keywords:** Abnormal; Fable; School; Learning; Life.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/UFGA). Doutorando em Educação (PPGED/UFGA). Bolsista CAPES. E-mail: marcos.linhares@ufu.br.

<sup>2</sup> Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Titular – Universidade Federal do Pará (UFGA). E-mail: schaves@ufpa.br.

Quem estará presente em uma educação de fim de mundo? Como serão as escolas? Quem serão os sujeitos que, após todas as transformações e modificações terrenas, conseguirão resistir e (re)inventar uma educação para os finais, os encerramentos? O que eles nos ensinarão? Quais lições poderemos aprender (e ensinar) com esses seres-professores em nossos cotidianos de vida?

Apreciamos as escapas, as fugas, as frestas e sonhamos em uma educação de fim de mundo tecida pelos anormais, aqueles considerados como “desviantes”, como violação das leis da sociedade e da natureza, aqueles que estão no limite entre o impossível e o proibido, que ocupam as margens e nelas constroem seus próprios modos de vida (FOUCAULT, 2001).

Os anormais nem sempre existiram para a história da educação, mas sempre estiveram presentes mais recentemente compondo suas trajetórias de vida com encontros que marcaram seus lugares no espaço escolar, antes com confrontos que os invisibilizaram, os excluíram e até os mataram pelo simples fato de existirem e resistirem no mundo.

Mas os ditos anormais inventaram línguas que os permitiram sobreviverem e fazerem gaguejar as tradições, as padronizações e as hierarquias das instituições de ensino. Tornaram-se exímios inventores de saídas, fazendo balançar as estruturas fixas da língua de costume, ousando outros modos de experimentarem a vida com seus corpos singulares, silenciados e marcados, mesmo nas impossibilidades e nos impedimentos (PREVE, 2011).

Por isso, neste texto, ensaiamos fabulações para buscarmos a vida lá onde ela escapole e contar outras formas de inventar uma educação que adie o “fim-do-mundo” em nossas trajetórias de vida docente. A fabulação nos serve como um modo de dizer coisas que nos aconteceram ou de, com elas, inventar mundos, fabricar histórias, escapar às adversidades do tempo presente, romper com as temporalidades, sendo sempre da ordem do inatural, do acontecimento, do anormal (WUNDER; DIAS, 2011).

Seguimos com Machado (2009) ao apostarmos na fabulação como um princípio que interconecta vida e saber. Não um saber qualquer ou uma vida qualquer, mas um saber sobre a vida, um saber que inventa novas possibilidades e



vidas desconhecidas, não-representáveis, apreensíveis, vidas constituídas somente por forças de intensidades.

Por isso esse texto, que é parte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida junto à linha de pesquisa “História, Filosofia e Estudos Culturais”, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/UFGA) busca “inventar um povo”, como diz Deleuze (1997), procurando problematizar como os anormais são produzidos na escola. Aqui de forma especial e fabulativa, contamos a história de Arthur, um aluno que desembarca da Nau dos Loucos para educar o Professor Bacamarte a largar “o ensinar” e apostar em um “aprender junto” numa escola para o abandono.

### **SEM ORIGEM, MAS DE MUITOS LUGARES...**

Desembarca no porto de Barbacena, cidade de Minas Gerais, uma velha embarcação, era grande e alta como um morro, e se duvidar, mais velha do que a própria cidade. Nela era possível ver o lodo verde folha desgrudando das laterais e o ranger das madeiras podres ecoando antes mesmo dela ficar imóvel no trapiche. Nunca tinha sido visto uma nau ou algo daquela natureza ficar parada em Barbacena, uma cidade tão pequena e pacata, mas cheia de história e mistério.

Na proa da embarcação, ainda estranha para a população do local, estava escrito “Nau dos Loucos”, nome exótico para batizar um meio de transporte. Muitos curiosos procuravam olhar pelas frestas e pelos buracos algo que pudesse sair dali e explicar o que estava por vir daquele espaço errante que acabara de ancorar.

Não demorou muito e de dentro dos compartimentos antigos da Nau, surge um homem. Parecia estar assustado, sem saber exatamente onde estava, olhava para o céu com a cara torta, provavelmente não via a luz do dia por algum tempo, com ele carregava uma bolsa amarrada na cintura e a pequenos passos, deixava a embarcação dos loucos para fixar seus pés em um porto teoricamente seguro e são da cidade.

Logo ao colocar os pés no porto e insinuar os primeiros passos, foi abordado pelos locais que o cercaram indagando em profusão: “De onde você veio?”, “Quem é



“você?”, “O que procura em Barbacena?”... O estranho atordoado procurava responder:

- *Meu nome é Arthur, mas me chamam de Bispo, não sei minha origem, já passei por muitos lugares. E, sinceramente, não sei o que procuro aqui em... Barbacena, né? Nunca ouvi falar.*

Ao passo que ele terminara de falar, prontamente puxa de sua bolsa um pequeno livro, que ao ser aberto dava a perceber um passaporte muito carimbado, daqueles que indicam múltiplas passagens de um viajante, suas paradas, chegadas, intercorrências, destinos e partidas. Ele estendia as mãos e tentava entregar o surrado documento, mas ninguém se dispunha a pegar, quiçá temendo o que podia estar escrito ali. Pensando na missão que seria conversar com o sujeito e decifrar o que iria compor aquele documento, acionaram o professor da cidade, mais conhecido como Prof. Bacamarte.

Assim que o Prof. chegou ao local, se apresentou a Arthur e começou a folhear seu passaporte, confirmando o que ele havia dito. No documento não constava nenhum local de origem, Arthur possuía uma *existência errante*<sup>3</sup>, existência-nômade, porém por mais curioso que seja, havia passado por lugares de existência antes de chegar em Barbacena de acordo com os seus vistos: as igrejas, os hospitais...

Em cada visto, havia uma folha grudada, como se fosse uma espécie de diário de bordo, em que ele contava o que acontecia em cada lugar e como se deixava construir, se deixava inventar...

Sua passagem pelas instituições religiosas falava de uma existência profética, era tido como “adivinho” por ser diferente das pessoas que frequentavam aquele lugar, seja pela fala, andar ou modo de viver. Diversas pessoas inscreviam em seu corpo, rituais e cultos para aproximarem-se de Deus, era veículo de passagem, corpo-canal que oferece comunicação com o desconhecido.

Segundo o passaporte, Arthur tinha como missão carregar a mensagem divina para a Terra e revelar o destino dos homens através de seus “delírios” e de suas formas de comunicar-se com Deus. Seu tipo de religiosidade o tornava

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, 2012.





diferente. Ele justificava tal diferença dizendo-se ser a materialização da graça de Deus na Terra, a sua presença no meio dos outros<sup>4</sup>.

A curiosidade em saber das profecias, do futuro ou do que Deus tinha para falar aos seus filhos fazia com que as pessoas tivessem grande curiosidade em saber mais sobre esse sujeito que dizia poder tudo. Não uma curiosidade sobre o indivíduo-pessoa, seu modo de viver ou de sentir o seu próprio tempo, o seu presente; mas uma curiosidade-instigadora, que ficava no limite entre o conhecido e o desconhecido, uma inquietação em saber se o “profano” poderia, afinal de contas, revelar as “verdades” ocultas do divino. O profeta-louco sempre fora esse espaço limite entre a curiosidade e o desejo, o conhecido e o desconhecido, a manifestação e o afastamento, uma manifestação excluída, daqueles que não tem o direito de viver em liberdade, os loucos que revelam os poderes de Deus na terra experimentam outra forma de comunhão com os deuses celestiais, a exclusão.

A exclusão torna-se a fonte de salvação desses “desarrazoados” que na maioria das vezes são pobres, vagabundos, presidiários ou as “cabeças alienadas” de sua época. O Deus do amor se manifesta na dor. Os corpos de pessoas como Arthur passam pela exclusão como uma forma de comunhão, só assim eles podem ser salvos do pecado. Essa forma de salvação instaurada pelo cristianismo, baseada em uma verdadeira renúncia de si é uma maneira de cuidar de si que não está mais interessada em si mesmo, mas em realizar no próprio corpo os cuidados necessários para que a salvação seja alcançada<sup>5</sup>.

Nesse quesito as religiões realizam esse papel com excelência. O cuidado da alma em busca da salvação se manifesta no cuidado de si, no cuidado do corpo. As práticas de exercício de si para alcançar a salvação são peças fundamentais na igreja. O corpo-templo precisa passar por provações para estar “apto” a chegar ao céu: o jejum, a penitência, o prazer, o sacrifício... Todos esses processos fazem parte das ações do corpo que refletem na alma. Isso existiu com a lepra e também com a loucura. Os leprosos e os loucos partilharam de uma coisa comum, embora em formas e sentidos diferentes, a exclusão social dos seus corpos materiais, mas a

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, 2012.

<sup>5</sup> FOUCAULT, 2004.

suposta reintegração espiritual de suas formas celestes junto a Deus. Sacrifício de amor à obra maior.

O professor estava impressionado pelo número de anotações e relatos escritos no passaporte de Arthur, que mais parecia um diário, de tantas emoções e episódios que continham. De certo, a esse ponto Bacamarte já acreditava que havia algo de “errado” com Arthur, uma vez que estava desnortado e aparentemente havia sido expulso de algum outro lugar. Mesmo com tantas dúvidas e incertezas sobre aquele sujeito, prosseguiu a leitura...

Em sua lista de paragens e destinos, lugares de sua produção, havia registrado no passaporte de Arthur os hospitais e centros psiquiátricos por onde estagiara. Ali diziam ser ele produto da morte, filho das doenças. Das igrejas ele era o sujeito “diferente”, corpo martirizado e culpabilizado. Nas instituições médicas era o corpo doente, necessitado de tratamentos e medicações.

Um misto de louco profético e doente mental, agora o louco não podia mais esperar por Deus para ser curado. A medicina e seus lugares que lhe são conexos como o asilo, o hospital, as casas de repouso, os manicômios, passam a ocupar um lugar ambíguo de “descobrimento” das verdades escondidas acerca da loucura e de prova dessa verdade que acabara de ser produzida pelos discursos médicos<sup>6</sup>.

Esses lugares que agora respondem pela medicina e pelo conhecimento científico caracterizam-se por serem espaços de concentração e de abrigo de todo tipo de diferença, que é denominada e incluída na denominação geral de “loucura”. Se antes os anormais podiam cuspir o remédio, aqui eles tinham as suas bocas fechadas e precisavam engolir seco tudo aquilo a que eram submetidos. Não eram mais os sacerdotes que julgavam e apontavam o que era ou não loucura, mas aqui a medicina e principalmente o médico que dizia a partir de seus conhecimentos o que se caracterizava como loucura.

Os médicos vieram a ser os “mestres da loucura” e os hospitais verdadeiras hortas repartidas em alas onde em cada uma se plantava/inventava uma doença

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, 1979.



para depois colhê-la<sup>7</sup>. Relações de hierarquia. Espaços de diagnóstico e classificação. Afrontamento e luta. Poderes que se travam.

O bom e velho discurso científico tem grande participação em tudo isso, é esse discurso que garante justificativas para a invenção da loucura dando aos hospitais e aos médicos o poder do diagnóstico e da cura. Amparados por esse poder e integrados a medicina, o médico se torna cientista social, passando a usar a seu favor os mais “certeiros” artefatos da ciência: as estatísticas, a demografia, a história... E a partir disso, torna-se transformador de instituições: o hospital deixa de ser assistencial e passa a ser “máquina de curar”... O hospício, enclausuramento disciplinar do dito louco, do “doente”<sup>8</sup>.

Logo após os dois carimbos cicatrizados no passaporte de Arthur, havia um recado “Próximo destino: Barbacena...” e o professor Bacamarte ainda não sabia a razão de Barbacena ter sido escolhida para ser o destino daquele sujeito tão peculiar. Procurando uma alternativa para abrigá-lo e para que pudesse encaminhar a situação com mais calma, o professor resolveu hospedar Arthur na escola Juliano Moreira, a principal da cidade. Como lá era seu ambiente de trabalho, seria muito mais cômodo para que ele pudesse descobrir mais informações sobre o forasteiro e assim, encaminhá-lo ao seu local de origem...

## **DELÍRIO DE NAVEGADOR...**

Chegando na escola, o professor Bacamarte acomodou Arthur em algumas poltronas que estavam dispostas na biblioteca e como uma criança há muito tempo sem dormir, o estrangeiro logo adormeceu como se estivesse em um abraço acolhido pelos braços do móvel. Muitas perguntas ainda invadiam o pensamento de Bacamarte, principalmente ao que se refere ao lugar de origem de Arthur e a razão pela qual ele desembarcara em Barbacena.

Folheando alguns livros, o mestre começou a anotar pistas e orientações que pudessem oferecer direcionamentos para a história ainda tão misteriosa. Relia e passeava pelas páginas do passaporte procurando algum sinal que pudesse

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, 1997.

<sup>8</sup> MACHADO, 1978.

ajudá-lo a achar o melhor caminho para Arthur. Relembrou o episódio de chegada do viajante a Barbacena. Recordando que o barco tinha um nome; *Nau dos Loucos*, resolveu investigar.

*Nau dos Loucos* eram embarcações pensadas primeiramente como uma rede simbólica presente principalmente na literatura e na arte renascentista, mas que foi materializada para que os loucos fossem escorraçados e excluídos da cidade, levados para lugar-nenhum, entregues ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, à essa grande incerteza exterior a tudo<sup>9</sup>.

Se a *Nau* carregava os loucos das cidades, Arthur seria um deles? Se perguntou. E os locais presentes no passaporte que significados tinham em sua existência? Para o professor, as coisas começavam a se encaixar, principalmente pelo motivo de que Barbacena já foi considerada a “cidade dos loucos” por abrigar 7 instituições de apoio psiquiátrico, a conhecida “colônia” de Barbacena, responsável pela exclusão de diversas pessoas que eram consideradas loucas: grávidas, homossexuais, epiléticos, etc<sup>10</sup>.

Agora, com as coisas (quase) assentadas em seu imaginário, o professor procurava saber por qual razão Arthur havia sido encaminhado para a *Nau dos Loucos*. Deveria haver algum motivo, atitude ou comportamento “diferente” que o fez ser considerado tripulante da embarcação. Para tentar decifrar as problemáticas pelas quais Arthur seria considerado louco, Bacamarte contactou toda a equipe multiprofissional da escola, com interesse em diagnosticar os fundamentos da loucura do sujeito.

Ao tempo em que a equipe se desloca para a escola, Arthur acorda:

- *Bom dia professor!*

- *Bom dia, Arthur! Está bem? Conseguiu melhorar dos balanços da viagem?*

- *Eu só melhoro quando deixo de ser eu, professor. Quando me torno Arthur, procuro passagem e lugar em outro espaço que possa me receber. Caso não encontre, continuo navegando.*

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, 2012.

<sup>10</sup> É possível descobrir mais sobre a história de Barbacena através do livro “Holocausto Brasileiro”, escrito por Daniela Arbex e publicado pela Editora Geração, em 2013.



- *Nunca almejou um lugar seguro, um porto em que pudesse ancorar e descansar?*

- *O mar é habilidoso desenhador de ausências. Certa hora a gente para de sonhar acordado e começa a descansar os sonhos.*

- *Não se preocupe, aqui na escola você será acolhido e incluído.<sup>11</sup>*

No meio tempo em que a conversa se costurava encurtando os espaços provocados pelo silêncio, a equipe multiprofissional da escola foi chegando, ocupando os espaços e se acomodando em seus lugares. Uns traziam formulários a serem preenchidos, outros medicamentos. Havia também os que falavam de estratégias, outros mais de instrumentos... um a um, foram cercando Arthur com olhos de diagnose, conduta clínica e curiosidade pedagógica.

A equipe contava com psicólogos, psicopedagogos, professores, médicos, fonoaudiólogos, especialistas em processos de ensino aprendizagem, até mesmo advogados, todos com os seus argumentos e instrumentos para diagnosticar e, por fim, proporcionar um lugar que pudessem tratar, conduzir e, sobretudo, incluir definitivamente aquele ser cambiante que ali fora parar.

Arthur foi milimetricamente analisado a partir daquele momento. Suas medidas anatômicas anotadas, seu modo de falar, de andar esquadrinhados, gestos e maneiras corporais sondados, comportamentos e atitudes examinados, sentimentos, capacidade cognitiva, sociabilidade, quociente de inteligência (QI), todos os aspectos de sua vida foram registrados em um relatório de acompanhamento.

A partir disso, juntos com o professor Bacamarte, a equipe procurava chegar a uma conclusão que finalmente lhes dissessem quem era aquele indivíduo que tinham diante de si. Pensaram em diferentes termos com que pudessem nomear a condição daquele Arthur a quem diziam Bispo; bipolaridade, transtornos de atenção, esquizofrenia, mas nenhum preenchia as exigências dos extensos e rigorosos formulários de diagnóstico. Foi então que decidiram criar uma nova tipologia que contemplasse as estranhas características e comportamentos que constataram

---

<sup>11</sup> Alguns trechos foram extraídos da ficção “*Venenos de Deus, remédios do Diabo*”, escrito por Mia Couto e publicado pela Companhia das Letras, em 2016.

depois de minucioso exame. Era um delirante de rara variante. Ao que tudo indicava, padecia de *delírio de navegador*, mas seu diagnóstico não conseguia ser fechado, era uma verdadeira incógnita, indecifrável, indefinido.

A possível síndrome que poderia acometer Arthur fazia com que as pessoas não se sentissem pertencentes a nenhum lugar, a itinerância era seu principal sintoma. Os delirantes desta natureza estavam sempre de passagem, deixavam-se nomear de qualquer coisa, eram *desatentos* a costumes, eram *desconcentrados* no que não lhes interessava, não se prendiam a origem, e tinham *olhar vago* para o futuro. Estavam demasiadamente atentos ao presente, que desfrutavam *distraídos* de um incerto destino. Não tinham apego ao cais, preferiam alto mar. As vezes formavam bandos, outras caminhavam solitários, mantendo *baixo contato visual* com aqueles que tentam captura-los.<sup>12</sup>

Após longa anamnese e por fim diagnose, o professor Bacamarte ofereceu a Arthur alguns dias na escola. Ali poderia conhecer outras pessoas, teria oportunidade de aprender, se encontrar... mas será que a escola seria o lugar em que Arthur finalmente se sentiria acolhido e incluído? A escola poderia ser o lugar de ancoragem para esse sujeito-navegante, sem-lugar e nômade?

Assustou-se ao chegar na escola e se deparar com a quantidade de pessoas que preenchiam aquele local. Ficou tímido com os olhares que o atravessavam e que, mesmo sem falar, diziam muita coisa: que ele era diferente. Sentou-se logo nas primeiras carteiras, próximo a mesa do professor e ao seu lado uma pessoa puxou a cadeira e disse que seria sua mediadora, para traduzir os deveres e orientar nas tarefas. Ficou sem entender.

Com o passar das horas, sentia-se cada vez mais encolhido e tímido. Sentia que ali, diferente do que o professor havia prometido, não seria incluído, preferia outro lugar. Possuía a atenção e os cuidados de todos os profissionais daquele ambiente, não podia dar um passo sem ser observado ou orientado. Não tinha

---

<sup>12</sup> Os trechos destacados em itálico foram retirados de uma cartilha de formação de professores pertencente a coleção “*Saberes e práticas de Inclusão*”. Nesse material notamos comportamentos e atitudes que nos fazem “reconhecer” os sujeitos diferentes na escola. As cartilhas foram produzidas e distribuídas pelo Ministério da Educação.

liberdade para correr, pegar sol no intervalo ou conversar com qualquer pessoa aleatória que passava no corredor.

Os professores levavam materiais diferentes, mais curtos e com poucas palavras. Ao longo dos dias, era separado dos colegas para a realização desses trabalhos “especiais”, era também chamado de “especial”. Não entendia o motivo pelo qual teria sido apelidado pelo adjetivo, mas imaginava ser uma característica marcante.

Regularmente passava com a psicopedagoga da escola e conversam coisas simples do dia a dia; o que ele estava achando da escola, se estava acompanhando o ritmo dos demais alunos, se conseguiria realizar as primeiras avaliações. Ele simplesmente balançava a cabeça e nunca dizia nada além do sim. Em sua cabeça, nunca seria como os outros alunos ou conseguiria seguir vivendo na escola como eles.

Passaram-se os dias e cada vez mais Arthur ia se sentindo diferente e novamente, excluído daquele local. Era comum pegarem-no admirando os rios e conversando com os pássaros. Parecia possuir inveja do correr das águas e do voo das aves, ou simplesmente do modo como eles eram genuinamente eles mesmos.

No dia seguinte, pela manhã, o professor encontra uma carta recolhida no meio de cadernetas e pincéis. Era uma carta de Arthur:

*“Querido professor Bacamarte,*

*Ultimamente não tenho conseguido sair de mim, nem mesmo para pescar. Tem sido dias difíceis e cada vez mais distancio-me de mim mesmo. Busquei em todos os lugares em que estive, permissão para ser eu mesmo. Por um momento pensei que aqui poderia ser diferente.*

*Mesmo com os esforços desmedidos e a grande vontade de você querer me fazer sentir incluído neste espaço, ainda não sou eu. Estou muito distante de torna-me quem sou. E aqui não vou conseguir continuar caminhando.*

*Não sei quais nomes vocês podem chamar essa tal coisa que dizem que tenho, mas a única certeza que assumo é a de não ter certeza nenhuma: sobre mim, os caminhos futuros ou para onde vou a partir daqui. Essa vida do barco me fez ave de migrações trocadas.*

*Partir não é uma doença, mas um modo de ficar. Parto para estar comigo, para renovar ideias, abandonar acomodações, desviar do esperado... Acumulo vazios, coleciono passagens, dispenso paragens. O nada me consta e se isso é moléstia sigo feliz neste adoecer.*

*Parto agora com o desejo de que permitam-se invadir pelo mar. Deixem o passar das ondas marejar uma escola para o abandono, o desterro de certezas e diagnósticos. Se me esperasse um ensinar de viagens, traquinagens e gargalhagens talvez voltasse e até me demorasse. Deve haver um outro mundo por de trás de cada pessoa, uma ponte infinda que nos leve a um cais de chegadas e partidas contínuas, indistintas, indefinidas. Renovadas viagens cuja incerta rota não leva a destinos, mas recomeços, reinvenções e remontagens.*

*Permitam que o mar invada o porto, que o alague, inunde fertilizando a várzea que se forma quando ele se recolhe. Deixe o mar o sonhar. Permita molhar os pés, e se gostar, banhe-se. E se no final tudo isso não significar nada, passe a ter profundidade sobre nada...*

*Com amor, Arthur.”<sup>13</sup>*

## **UMA ESCOLA PARA O ABANDONO...**

Sonhamos com uma escola para o abandono. Uma escola em que todos possam ser o que quiserem, inclusive nada. Uma escola que recuse as padronizações, as classificações e os diagnósticos predeterminados para dar lugar as cores, aos sonhos, aos desejos, a um fazer junto que crie uma nova forma de estar, de existir e de se relacionar na escola.

Sonhamos com uma escola que coloque em suspenso todas as formas e fôrmas as quais somos convocados a ocupar e que por vezes funcionam como camisas de força para nos aprisionarem em modos de existência específicos e fechados e que ditam maneiras de estar e agir a partir da gestão de nossos corpos, por nossos comportamentos, jeitos de aprender, atitudes, posturas, entre outros (GIORGI, 2016).

---

<sup>13</sup> Inspirado em trechos da entrevista de Manoel de Barros para o documentário “Só 10% é mentira”, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VG4P\\_mWWAI0&t=3586s](https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0&t=3586s).



Sonhamos com uma escola que abandone os protocolos de assujeitamento que submetem os sujeitos escolares a um “se ver” (PELBART, 2014) que imputam a eles e os fazem pensar em uma imagem para si que é totalmente distante da potencialidade de vida que pode emergir de suas existências nos espaços escolares.

Sonhamos com uma escola que ande na contramão dos movimentos de gestão que tendem a homogeneização (das racionalidades, dos modos de vida) e que seja condição para a existência de modos singulares de existência; vidas moventes que não se prendem a acomodações, definições e fôrmas; vidas que borram os limites do esperado, do dito, do prescrito; vidas de gente diferente e que fazem da diferença, suas formas de vida.

Existe apenas uma única racionalidade? Um único modo de aprender? Apenas uma forma/fôrma de ser aluno/pensador/gente? Porque não sonhamos outras formas de aprender? Podemos estar distantes de tornar o processo de aprendizagem um lugar de sonhos, fugas e encantamentos ao passo que a maioria dos processos educativos buscam uma educação para a igualdade e não para a diferença.

Ao invés da busca por definições que tentem atender e dar conta de “deficiências” e “limitações” buscando nomeá-las e cataloga-las para posteriormente incluí-las, poderíamos olhar para a diferença a partir da forma como existem na escola e se elas conseguem existir por si mesmas; não para o enquadramento, mas para as possibilidades, multiplicidades; para o modo como atuam em nós, transformam-nos e nos fazem aprender com elas (PELBART, 2014).

Arthur, personagem de nossa fabulação, foi apenas uma maneira de experimentar a diferença na educação, mas diversos sujeitos continuamente a experimentam, arriscando transbordarem-se dos espaços instituídos para fazerem composição da educação com as artes, com a literatura, com a música, com a vida que se vive e que não tem roteiro ou receita.

Podemos lembrar Temple Grandin<sup>14</sup>, famosa jovem autista que construía seu modo de vida através de imagens. Temple aprendia e pensava através da construção de imagens do contexto em que vivia, não conseguia interpretar textos e fórmulas matemáticas da forma “tradicional”, apenas através da criação e leitura da linguagem imagética formada em seu imaginário. Temple nos ensinou a aprender olhando.

Fugindo dos ideais do capital e do desejo desmedido por dinheiro, Van Gogh foi um artista que aprendeu a pintar com os sentimentos. Foi demitido de diversos empregos por seu amor e empatia aos mais necessitados. Carregava os afetos para onde ia e não conseguia sentir de menos. Era considerado louco e desarrazoado pelos mesmos motivos. Foi internado em hospícios algumas vezes, porém preferia lugares coloridos. Sua “escola” de arte? A do sentir. Dizia que sentia a arte pela pele e através dela, pintava. Van Gogh nos ensinou a aprender com os sentimentos.

Diagnosticado como esquizofrênico-paranoico, Arthur Bispo do Rosário foi internado várias vezes na Colônia Juliano Moreira (antigos manicômios do século XX). Foi marinho, eletricista, passeou por mosteiros e peraltagens nas casas cariocas. Gostava da passagem. Em uma de suas idas a Colônia, começou a fazer suas artes com objetos que dispunha no quarto. Olhou para um lugar que ninguém nunca antes tinha visto: a insignificância, o que, na época, apenas “confirmava” a sua loucura. Arthur nos ensinou a aprender com as miudezas.

O que todas essas pessoas nos ensinam? A driblarmos nossas imagens do que a diferença deve ser na escola ou em qualquer outro lugar. Nos ensinaram/ensinam que para além da imagem do “anormal-debilitado-diferente-estranho” existe vida-surpresa-encantamento-potência. “O que se encontra é vida ao invés de sobrevida” (SILVA, 2019).

Todos esses exemplos, para longe de uma representação ou origem, nos ensinam a criar possibilidades para as vidas que fogem aos sistemas, análises e explicações. Nos ensinam a sermos corajosos e irmos ao encontro com a vida do

---

<sup>14</sup> É possível saber mais através do filme “*Temple Grandin*”, produzido pela HBO em 2010 e do artigo “Um antropólogo em Marte” de Oliver Sacks, publicado em livro homônimo pela Companhia das Letras.

jeito que ela é sem acharmos que estamos perdendo alguma coisa ou que estamos “ficando para trás” (SILVA, 2019).

Uma escola para o abandono é um lugar de passagem, de invenções, de incertezas, de espaço para as multiplicidades e potências que emergem de frestas que cotidianamente não imaginamos florir. É um lugar de abandono de fôrmas de lugares já conhecidos, de informações já compartilhadas... É espaço para um vazio que jamais será preenchido. Com ela, (quem sabe?) construiremos heterotopias e a possibilidade de adiamento do fim do mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**: coleção Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.

GIORGI, G. **Formas comuns**: animalidade, literatura, biopolítica. Editora Rocco, 2016.

MACHADO, R. **Danação da norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

PELBART, P. P. **Por un arte de instaurar modos de existencia que 'no existen'**. Revista Concreta, 2014.

PREVE, A. M. H. Uma educação em linhas de fuga. In: AMORIM, A. C; MARQUES, D; DIAS, S. O. (Org.) **Conexões**: Deleuze e Vida e Fabulação e... Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq; Campinas: ALB, 2011.



SILVA, L. V. A. **Vida e nada mais... ensaios sobre consciência ambiental**. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

WUNDER, A.; DIAS, S. Fabulografias: in-ventar por áfricas-cartões-postais. In: AMORIM, A. C.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (Org.) **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: Campinas, 2011.